

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO RELIGIOSO PARA O DISCIPULADO DO ADOLESCENTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA.

Hebert Davi Liessi - hebert.liessi@adventista.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7199-2920>

Docente do Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE). Doutorando em Ensino Religioso pela Andrews University (Michigan-EUA). Mestre em Ensino e Interpretação da Bíblia (SALT/FADBA).

Rodrigo Tergilene - Rodrigotergilene@gmail.com <https://orcid.org/0009-0006-2610-837X>

Diretor de publicações no sul do estado da Bahia. Bacharel em Teologia pela FADBA

Resumo: Este trabalho tem o intuito de estudar a importância do Ensino Religioso para o discipulado do adolescente no contexto da educação adventista. Por meio da revisão bibliográfica, foi utilizada uma abordagem de pesquisa qualitativa do material para que os objetivos propostos fossem atingidos. Observou-se que a educação adventista tem como propósito restaurar a imagem de Deus em seus filhos, sendo isso possível por meio do discipulado. Para tal cumprimento, existe grande necessidade de educadores alinhados com os princípios e valores da instituição, que estejam dispostos a embarcar no desafio de ensinar aos adolescentes o que é religião, tanto de maneira teórica quanto, sobretudo, de maneira prática. O educador terá maior êxito em discipular ao sê-lo um discípulo, bem como ao compreender o perfil e as necessidades dos seus alunos - buscando atender suas características físicas, mentais, sociais e espirituais - e ao utilizar métodos e estratégias que possibilitem alcançar a mente e o coração daqueles adolescentes que o ouvem.

Palavras Chave: Discipulado. Educação adventista. Ensino religioso. Adolescente.

Abstract: This work aims to study the importance of Religious Education for adolescent discipleship in Adventist education. A qualitative research approach to the material was used in the literature review to obtain the proposed objectives. It was noted that Adventist education aims to restore the image of God in their children, which is possible through discipleship. For such fulfillment, there is a great need for educators who are aligned with the principles and values of the institution and willing to embark on the challenge of teaching teenagers what religion is in a theoretical way, especially in a practical way. The educator will be more successful in disciplining when he is a disciple, as well as understanding the profile and the needs of his students - investigating their physical, mental, social, and spiritual characteristics - and using methods and strategies that allow him to reach the mind and the hearts of those teenagers who listen to it.

Keywords: Discipleship. Adventist education. Religious education. Teenager.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo compreender a importância do Ensino Religioso para o discipulado do adolescente no contexto da educação adventista. Esta disciplina está presente no currículo de grande parte das escolas brasileiras atuais (BRASIL, 2018). Além disso, os propósitos da educação adventista apresentam, de maneira mais específica, uma clara intenção de cooperação para o desenvolvimento integral do aluno, não apenas o desenvolvimento intelectual.

No entanto, na fase da adolescência, o indivíduo passa por uma série de mudanças comportamentais que comprometem suas relações familiares e sua compreensão do valor da religião. Da mesma maneira, no cenário educacional, há riscos de as aulas de Ensino Religioso se tornarem apenas horas para absorção de conteúdos teóricos sobre religiões, fenômenos e doutrinas, que possivelmente não terão um fim prático na vida do adolescente. Portanto, surgem algumas perguntas: Quais são as mudanças físicas, comportamentais, sociais e espirituais que um indivíduo sofre na fase da adolescência? Como pode o Ensino Religioso contribuir para que o propósito da educação adventista seja cumprido nele? Qual é o papel do professor em todo esse processo?

Assim, este trabalho buscou apresentar três importantes tópicos, iniciando com o contexto da humanidade e as peculiaridades do adolescente. Posteriormente, pontuou-se a importância do Ensino Religioso para o cumprimento do propósito da educação adventista, bem como a participação do professor como discípulo e discipulador. Por fim, discutiu-se o papel do discipulado para o desenvolvimento de um discipulado sólido.

METODOLOGIA

1. O CONTEXTO DA RAÇA HUMANA E DO ADOLESCENTE

Os desafios no processo de ensino sempre foram numerosos. Esses desafios podem surgir tanto por dificuldades do educando quanto por dificuldades do educador. Um dos empecilhos que podem bloquear uma comunicação eficiente entre professor e aluno é a falta de conhecimento do professor sobre o aluno. Trueblood (1957, p. XIV, tradução nossa) afirma estar "convencido de que, até que tenhamos clareza sobre o que é o homem, não teremos clareza sobre muito mais."

Considerando que a Educação Adventista almeja auxiliar o homem a "entrar em um relacionamento direto com Deus" (KNIGHT, 2017, p. 82), conforme será observado com mais cuidado no segundo capítulo, torna-se nítida a necessidade de buscar compreender melhor quem é seu público e quais são suas raízes. Esta tarefa é muito difícil, mas certamente dará grande auxílio

para que os objetivos dos educadores sejam alcançados.

Conforme diz Romanowski (2006, p. 121), "a sala de aula é um ambiente de diversidade". Por mais que o ser humano tenha suas semelhanças em algumas faixas etárias, vale lembrar que cada aluno é singular e possui identidade própria, tornando impossível apresentar aqui todos os desafios que serão encontrados em sala de aula.

No entanto, todos têm algo em comum: sua raiz como criatura divina. Para isso, o primeiro tópico deste capítulo apresentará a origem humana e sua condição atual. No segundo tópico, serão apresentadas características gerais do adolescente, para que, conhecendo essas informações, seja possível compreender como os educadores podem trabalhar em função do discipulado deste grupo.

1.1 A MUDANÇA NA CONDIÇÃO DO HOMEM

Dois dos fundamentos básicos da educação cristã apoiados pela educação adventista, segundo Rivas (2009, p. 29), são: (1) a existência de um Deus Criador; e (2) a criação do Universo e do mundo perfeitos. Isto é, ao se tratar da educação adventista, não se pode deixar de considerar o papel de Deus como Criador do homem, e conseqüentemente do juvenil, nem mesmo a realidade perfeita que existia quando tudo foi formado. Ao falar sobre educação, uma das pioneiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia diz:

A fim de compreendermos o que se acha envolvido na obra da educação, necessitamos considerar tanto a natureza do homem como o propósito de Deus ao criá-lo. Precisamos também considerar a mudança na condição do homem em virtude da entrada do conhecimento do mal, e o plano de Deus para ainda cumprir Seu glorioso propósito na educação da raça humana. (WHITE, 2013, p. 15)

O relato de Gênesis, especialmente os dois primeiros capítulos, apresenta a criação do mundo por Deus e como ela aconteceu. Depois de cinco dias de criação, o escritor do livro menciona que, no sexto dia, o Senhor escolhe criar o homem, ao dizer: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...] Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou." (Gn 1:26-27). A palavra do Criador é apresentada repleta de poder, como confirma o salmista: "Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir." (Sl 33:9).

O relato da criação segue uma ordem muito chamativa, especialmente pelo fato de apresentar, no final de cada dia, o "relatório de satisfação" divino. Nos dias anteriores à criação do homem, a reação do Criador diante de seus feitos é expressa basicamente pelas palavras: "e viu Deus que isso era bom" (Gn 1:10, 12, 17, 21, 25). Diferentemente disso, no sexto dia, o Senhor não se contenta apenas com a qualificação de "bom", mas demonstra muita felicidade e satisfação pelo que fez ao dizer que tudo era "muito bom". Conforme está no Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia (2011, v. 1, p. 199), "a aplicação do termo 'bom' a tudo o que Deus havia feito e a repetição da palavra

acompanhada pela expressão enfática 'muito', no final da criação, sendo o ser humano sua coroa e glória, indica que nada imperfeito havia saído das mãos de Deus."

Absolutamente nada havia de imperfeito. O ser humano coroou a criação divina. Segundo White (2006, v. 4, p. 15), "Deus fez o homem reto, perfeitamente santo e feliz." Nenhuma inclinação para atos errôneos poderia ser encontrada na vida humana. Todas as suas tendências eram para fazer o bem, e nenhum traço de imperfeição poderia ser encontrado ao olhar para o primeiro casal a viver nesta Terra.

Quando Adão saiu das mãos do Criador, trazia ele em sua natureza física, intelectual e espiritual, a semelhança de seu Criador. 'Deus criou o homem a Sua imagem' (Gênesis 1:27), e era Seu intento que quanto mais o homem vivesse tanto mais plenamente revelasse esta imagem, refletindo mais completamente a glória do Criador. Todas as suas faculdades eram passíveis de desenvolvimento; sua capacidade e vigor deveriam aumentar continuamente. (WHITE, 2013, p. 15)

Ao falar sobre a natureza do homem antes da queda, no Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia, Cairus (2011, p. 234) menciona que o Novo Testamento parece enfatizar "a semelhança com Deus na área do conhecimento (Cl 3:10), justiça e santidade (Ef 4:24)". Observe que o ser humano era dotado de cognição a ponto de se assemelhar a Deus. O tratado continua dizendo que "isso realça a bondade original dos seres humanos, proveniente de um Criador preocupado em fazer tudo 'muito bom'". De fato, quando se observa os relatos dos escritos de Ellen G. White, tendo como apoio as informações contidas no Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia e no Tratado de Teologia Adventista, nota-se como o ser criado por Deus era imbuído da mais completa sabedoria. Ou seja, sua perfeição ia além da plenitude física e espiritual, mas se estendia também ao intelecto. Essa informação é mais interessante quando se lembra que era possível às capacidades humanas uma elevação ainda maior com o passar do tempo. Sendo assim, depois de milhares de anos, os seres humanos deveriam experimentar a maior plenitude de todos os tempos no que diz respeito às suas faculdades. Mas por que a raça humana não experimenta isso hoje? Esta resposta pode ser obtida ao observar os capítulos 2 e 3 do livro de Gênesis.

Após Deus ter criado todas as coisas, inclusive o homem e, após ele, a sua mulher, foi-lhes dada uma condição para que tudo continuasse sempre em ordem. A condição estabelecida pelo Criador é vista quando Ele diz: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás." (Gn 2:16-17). A primeira parte da frase divina mostra que a condição em que o ser divino deu ao casal era mais do que favorável à obediência. Deu-lhes inúmeras árvores das quais eles poderiam comer do seu fruto, no entanto, apenas do fruto de uma delas não lhes seria permitido comer sem sofrer consequências. "Essa prescrição, antes de ser uma imposição, era um instrumento de avaliação, uma espécie de termômetro para que o próprio homem pudesse ver o grau da sua

obediência às prescrições estabelecidas pelo Criador” (AGUILAR, 2014, p. 14).

Após ser exposta a condição para que continuassem a ter vida plena, o homem e a mulher, por algum motivo, se encontram em locais diferentes. Nesse momento, a “serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito” (Gn 3:1) acaba se encontrando com a mulher, e apresentando a Eva a possibilidade de ser “igual” a Deus, ela acaba sendo convencida a desobedecer ao seu Criador, comendo do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Segundo o relato bíblico, a mulher, além de comer do fruto, o oferece a Adão, e este também o come.

Nossos primeiros pais, convencidos por Satanás, pensaram que as palavras ditas por ele seriam verdadeiras. Adão e Eva estavam crentes de que naquele momento seriam iguais a Deus. Na mentalidade deles, suas virtudes seriam ainda maiores, suas capacidades expandidas. Eles, aparentemente, se esqueceram das palavras que o Senhor proferiu a eles previamente, ou talvez tenham escolhido pensar que aquelas instruções seriam falsas, uma vez que as palavras da serpente seriam verdadeiras. Cairus (2011, p. 242), ao explicar o ocorrido no Éden, diz:

Mas Deus tratou os pecadores com misericórdia. Em vez de executá-los sumariamente, os expulsou do paraíso. Fora do jardim, Adão e Eva viram-se circundados por um ambiente hostil, e conforme Deus anunciara, passaram a ser vítimas da tristeza, da dor, do trabalho fatigante e ingrato, dos relacionamentos superficiais e finalmente da morte (Gn 3:14-19). A Bíblia mostra assim que o pecado é a causa principal dos males que afligem a condição humana.

Não existe mal maior que o pecado. Ele é a explicação para a realidade encontrada na Terra atualmente: homens e mulheres frágeis fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Como diz White (2004, p. 455), "A menos que estejamos em uma ligação vital com Deus, não podemos resistir aos profanos efeitos da satisfação própria, do amor de nós mesmos e da tentação para pecar."

Após o pecado, o homem carrega os pesos de uma vida inclinada para atos pecaminosos. Seus desejos e vontades estão adulterados como consequência daquela primeira desobediência. As ações, que antes eram pautadas na vontade de Deus, agora são conduzidas por sua própria natureza enganosa e egoísta. Como diz o profeta Jeremias: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jr 17:9).

Após o pecado, o homem carrega os pesos de uma vida inclinada para atos pecaminosos. Seus desejos e vontades estão adulterados como consequência daquela primeira desobediência. As ações, que antes eram pautadas na vontade de Deus, agora são conduzidas por sua própria natureza enganosa e egoísta. Como diz o profeta Jeremias: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?" (Jr 17:9).

Não existe possibilidade real para o homem voltar a ser quem ele era quando criado por Deus. Há um grande abismo entre criatura e Criador, sendo possível uma ligação entre ambos apenas pelo poder de Jesus. Depois de milhares de anos, a humanidade mudou completamente, e para cooperar

com o objetivo de salvação, existe o esforço educativo. No entanto, antes de compreender o processo educativo, é necessário entender as características e o perfil do educando.

1.2 CARACTERÍSTICAS DO ADOLESCENTE

Qualquer empreendimento que venha a ser realizado com a finalidade de influenciar pessoas força o interessado a conhecer melhor seu público. Tratando-se de educação, é possível dizer que conhecer os aspectos gerais do comportamento da faixa etária dos seus alunos pode agregar muito ao desenvolvimento das estratégias que serão utilizadas. Hare (1972, p. 15) observa que "Cristo estudava as pessoas. Sabia como viviam, como falavam, como pensavam e este conhecimento ajustava Suas verdades à vida e ao coração deles e os atraía para Ele." De fato, quando se avalia a forma como o Salvador se aproximava das pessoas, é notável que ao pescador Ele falava de redes e peixes, mas ao estudioso Ele falava dos mistérios e do novo nascimento. São linguagens diferentes porque os públicos assim o são.

Ao mencionar mais sobre a experiência de Jesus Cristo enquanto estava em contato direto com as pessoas, no livro "A Ciência do Bom Viver", percebe-se uma ênfase em mostrar como Ele alcançava a simpatia de seus ouvintes e era admirado por eles.

Buscando compreender também o perfil do educando, segue-se por base o que é dito no livro "Pedagogia Adventista", por Rivas (2009, p. 58): o estudante "é um ser único, criado à imagem e semelhança de Deus, que se desenvolve física, psíquica, social, afetiva e espiritualmente de modo peculiar." Logicamente, o entendimento do aluno deve ocorrer de maneira mais ampla e específica. Ampla, ao buscar conhecer características que norteiam sua faixa etária; específica, ao buscar conhecer de maneira mais próxima e íntima suas características peculiares, aquelas que o fazem diferente dos demais. Ambas são fundamentais, contudo, no momento, o foco será voltado para o conhecimento mais amplo, buscando conhecer as principais características dos adolescentes.

Segundo a classificação convencional da idade cronológica apresentada por Gallahue e Ozmun (2005, p. 13), a fase da adolescência envolve o período dos 10 aos 20 anos de idade, sendo a pré-pubescência dos 10 aos 12 para as meninas e dos 11 aos 13 para os meninos, e a pós-pubescência dos 12 aos 18 para as meninas e dos 14 aos 20 para os meninos. Eles relembram que essa estimativa de idade para a fase de adolescência é a mais comumente aceita, contudo, não se trata de uma idade exata em que todas as pessoas vivem a adolescência, pois ela é genérica, não levando em consideração todas as variáveis do desenvolvimento do indivíduo.

O período conhecido como adolescência é um período em que o jovem é afetado tanto pela biologia quanto pela cultura. Pela biologia, ao considerar o processo de maturação sexual; pela cultura, ao considerar o fim do processo de adolescência e início da vida adulta, quando o adolescente

começará a se preocupar com a independência financeira e emocional dos seus pais (GALLAHUE; OZMUN, 2005, p. 349). Concordando com esta ideia, Standish menciona que "a adolescência cobre um período de crescimento fisiológico, psicológico, sociológico, intelectual e espiritual altamente complexo" (2007, p. 85).

Para compreender as características físicas que marcam os adolescentes, é válido dividir este grupo em dois. O primeiro grupo consiste nos que estão entrando na adolescência, e o segundo grupo, nos que já estão numa fase de maior maturação da adolescência. De acordo com o professor Suarez (2004, p. 72), o primeiro grupo, que está no início da fase, se depara com um rápido crescimento físico, causando em alguns a aparência de meio desajeitados. É bem possível que, nesses primeiros dois anos de pré-adolescência, quase todos atinjam a puberdade e obtenham consciência do corpo e do sexo. Além disso, demonstram uma maturidade física maior do que comportamental.

Já o segundo grupo, conforme aborda Suarez (2004, p. 75), começa a experimentar um período de maior maturação comportamental, além de não vivenciar mais a fase desajeitada. Contudo, esses jovens apresentam períodos de grande atividade, alternados com outros de sono.

Tratando-se de mudanças psíquicas, "os psicólogos declaram que o raciocínio se desenvolve na adolescência, quando a dúvida começa a perguntar o porquê" (HARE, 1972, p. 28). É um período de muitos questionamentos e, segundo Parrot (2003, p. 15), "a principal tarefa do adolescente em seu desenvolvimento é adquirir identidade." É um período de muita confusão, onde são buscadas respostas para suas dúvidas. Com grandes mudanças fisiológicas e com a chegada da puberdade, nem mesmo o indivíduo consegue reconhecer-se, sendo levado a fazer várias perguntas sobre si e, principalmente, começando a se preocupar em como as pessoas o enxergam. Falando sobre isso, Parrot (2003, p. 15) continua a dizer que "o adolescente sem identidade assume uma postura do tipo 'como estou me saindo?', cuja principal preocupação é saber qual a impressão que ele causa nos outros." Apesar de desafiadora, a tarefa que a criança enfrenta no período da puberdade é importante, visto que o adolescente reexamina sua identidade e os papéis que deve ocupar (BEE, 2011, p. 272).

Vivendo nessa metamorfose, o autor menciona que, na busca de sua identidade, o jovem segue alguns caminhos. E sete desses caminhos são mencionados por Parrot (2003, p. 16): (1) relações familiares; (2) símbolo de status; (3) comportamento "adulto"; (4) revolta; (5) opinião alheia; (6) ídolos; e (7) exclusão preconceituosa. Inclusive, durante esse tempo de mudanças, o adolescente começa a rejeitar alguns valores e ideias de seus pais, estabelecendo assim seus próprios limites (PELT, 2006, p. 86).

As alterações sociológicas na vida do adolescente ocorrem principalmente pelo afastamento notório em relação a seus pais, enquanto se aproximam de pessoas do ambiente externo. Como consequência desse afastamento, os pais são cada vez menos modelos de referência para seus filhos, a ponto de Barna (2013, p. 28) identificar em uma de suas pesquisas que, ao serem perguntados sobre

quem são as três pessoas mais importantes para eles, apenas um terço dos adolescentes mencionou seu pai ou mãe nesta lista. O conflito do adolescente com os valores dos pais é agravado à medida que os relacionamentos com amigos de escola, bairro, entre outros, vão tomando o lugar dos relacionamentos familiares, resultando numa aceitação natural dos valores estabelecidos por seus amigos (CRUZ, 2015, p. 91).

É interessante notar as mudanças religiosas ocorridas durante este intervalo de tempo. Nesta fase, é perceptível “a busca por algo novo que possa preencher suas ansiedades comuns” (CRUZ, 2015, p. 91), bem como a aceitação “cada vez menor de esquemas institucionais que lhes restrinjam o modo de vida e as condições de lazer e de uso de tempo livre” (CARNEIRO, 2001, p. 21). Observando essas informações, parece ser totalmente irrelevante para os adolescentes os valores religiosos e suas implicações na vida prática. Contudo, Barna (2013, p. 41) aponta resultados de algumas pesquisas que mostram números interessantes. Cerca de nove entre dez jovens de treze anos, por exemplo, rezam/oram diariamente durante uma semana normal, e seis deles realizam alguma atividade que envolva a igreja durante a semana. Por outro lado, apenas 45% buscam participar de algum pequeno grupo ou leem a Bíblia quando estão fora das paredes da igreja. Segundo o autor, analisando esses dados e outros também levantados, é notável o interesse por boa parte dos meninos e meninas nessa faixa etária. Alguns buscam a vivência religiosa no interesse de conhecer mais a Deus e aceitar seus ensinamentos; outros, no entanto, buscam a religião para se sentirem aceitos no grupo em que estão buscando pertencimento. Certo é que ambos, independentemente de suas intenções, estão dando abertura para que o pastor possa pastoreá-los. Eis a abertura necessária para que as aulas de Ensino Religioso possam agir de maneira profunda na vida desses adolescentes.

2 ENSINO RELIGIOSO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

As palavras ditas por Ellen G. White mostram qual nível de importância é dado pelas instituições de educação adventista ao desenvolvimento integral de seus alunos. “O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens cuja habilidade é dirigida por princípios firmes” (WHITE, 2013, p. 225). Mais importante do que o grande intelecto, para os colégios adventistas, está o desenvolvimento de um caráter cristão. Qual propósito do ensino religioso no contexto adventista? E quais as qualificações dos professores para cumprimento deste propósito?

2.1 PROPÓSITO

Tão importante quanto estudar disciplinas como matemática, ciências e geografia são os estudos de ensino religioso. O Brasil, um país que se declara um estado laico, reserva parte da grade

curricular, em algumas fases da educação, um espaço para que o ensino religioso seja discutido e refletido (BRASIL, 2018). Apesar de valorizar essa vertente nos projetos que o país tem para a educação, é interessante notar que os estudos oferecidos nas escolas públicas (que são não-confessionais) tendem a apresentar uma parte mais objetiva da religião, aproximando a disciplina do que seria “ciências da religião.”

Sobre isso, Wachs (2010, p. 8) diz que “Ensino Religioso não tem um caráter de uma ciência puramente objetiva e racional.” De fato, se considerarmos que o conhecimento religioso não pode ser limitado ao que é unicamente intelectual. Em outro momento ele diz:

Ensino religioso é diferente de ensino da religião. Este último parece denotar uma disciplina escolar ao lado, por exemplo, da Matemática, da Biologia, da História. O primeiro insinua uma qualidade, eu diria conotativa, de educação, de afeto, de interação pessoal. (WACHS, 2010, p. 15)

Considerando o pensamento do autor, surge uma reflexão: o que tem sido apresentado na maior parte das escolas seria realmente Ensino Religioso ou ensino da religião? Talvez não seja necessário uma pesquisa tão vasta para obter a resposta para esta pergunta. Se a resposta for a segunda opção, pode-se dizer que a disciplina será apenas mais uma dentre tantas outras, que concederá ao aluno um aglomerado de informações que, de maneira prática, pouco acrescentará à sua experiência religiosa. As informações que se limitam ao campo cognitivo de maneira alguma podem fornecer ao discente uma experiência real que possa oferecer respostas para as perguntas mais importantes da vida humana.

Obviamente, não é de se esperar que no ensino público, onde não é possível e justo uma ligação com qualquer religião, o Ensino Religioso consiga atender todas as necessidades humanas conforme está sendo abordado. Portanto, essa necessidade de algo além será obtida dentro de um contexto de escola confessional (MARTINS, 2015).

Considerando, pois, o Ensino Religioso no contexto da Educação Adventista, é notória uma grande diferença em relação à visão apresentada acima. Ellen White (2013, p. 15), ao falar sobre o objetivo da verdadeira educação, relembra que a condição do homem no contexto atual é de "perdido". Biblicamente isso é muito claro: a introdução do pecado teve como um dos principais efeitos o afastamento da criatura em relação ao seu Criador. Apenas essa consequência, desconsiderando todas as outras, já seria suficiente para qualificar todas as pessoas nessa condição, pois a vida e a salvação só podem existir diante da permissão de quem criou. Sendo assim, as instituições de educação adventista reconhecem como objetivo a busca em "restaurar no homem a imagem de seu Autor" (WHITE, 2013, p. 15).

Eis uma missão grandiosa. Depois de milhares de anos na vivência do pecado, o homem encontra-se cada vez mais distante de Deus. Sendo assim, o desejo de "restaurar o homem a seu estado original" (RIVAS, 2009, p. 18), entendendo que este deve ser preparado para ser cidadão também da

vida eterna, se torna o maior desafio de um profissional. Para que esse objetivo tenha a chance de ser alcançado, faz-se indispensável que, além de profissional, o agente humano se reconheça como um missionário.

Uma possível pergunta que pode surgir é: o propósito do Ensino Religioso se torna o mesmo que a educação – ambos no contexto adventista – apresenta? Levando em consideração o que Morin (2010, p. 10-11) explica, pode-se dizer que sim, pois, em seu ver, a palavra "ensino" se limita à arte ou ação de transmitir conhecimentos a um aluno, de maneira cognitiva apenas, enquanto que "educação" se expande à utilização de meios que permitem assegurar a formação e o desenvolvimento de um ser humano. Sendo que no Ensino Religioso deve-se buscar também a reconciliação do homem com Deus, não é apenas possível, mas até mesmo sugerido que o Ensino Religioso vá além do conhecimento cognitivo e se aproxime do que seria uma "educação religiosa", buscando restaurar no ser humano a imagem do seu Criador. Como diz Ebling (1979, p. 10), "a verdadeira educação cristã é o remédio para o egoísmo em um mundo cada vez mais egoísta e numa sociedade cada vez mais competitiva."

Uma das abordagens mais profundas quanto à finalidade do Ensino Religioso está no livro "Educação", onde é dito que “no mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma” (WHITE, 2013, p. 30). Posto isso, a visão adventista é de intenção tão profundamente salvífica a ponto de que educação e redenção se tornam uma coisa só.

Especificamente sobre o Ensino Religioso, George Knight diz:

H. E. Carnack resumiu o objetivo tríplice do ensino religioso em três frases curtas: (1) “traga o aluno a Cristo”, (2) “firme-o em Cristo”, e (3) “envie-o a trabalhar por Cristo”. Então a meta final do ensino religioso é a mesma que o objetivo final da educação cristã em geral – conduzir os jovens além do entendimento para o relacionamento, e além do relacionamento para o serviço. (KNIGHT, 2010, p. 171)

É importante observar dois pontos apresentados: (1) o ensino religioso e a educação cristã têm a mesma meta, e (2) não basta o entendimento de Cristo, mas também o relacionamento com Ele. Aqui, volta-se agora à fragilidade de um ensino religioso que se limita ao intelecto.

Vale ressaltar duas preocupações apresentadas por George Knight (2010, p. 169) com o ensino religioso no contexto adventista: (1) tornar o ensino da religiosidade uma aula de teologia ou (2) pensar que para tal ensino não é necessária a teologia. Os dois extremos são igualmente perigosos. Em primeiro lugar, engana-se quem pensa que as aulas podem ser resumidas em passar conteúdos teóricos da Bíblia, tornando-se assim um estudo bíblico. O conhecimento de Cristo, salvação, criação, entre outros assuntos contidos na palavra de Deus, é insuficiente para que o objetivo da educação adventista seja alcançado. Convicção por si só não valida a experiência com Cristo. A exemplo disso, vale lembrar que o próprio Satanás tem conhecimento completo de quem é Deus e do que está sendo ensinado no cânon bíblico. Knight, inclusive, chega a mencionar Perry LeFevre, que diz:

A religião é o compromisso com aquilo que sustenta, nutre e cria o bem na vida humana. A teologia é a interpretação intelectual daquilo a que o homem se compromete... A religião é a verdade; a teologia é a interpretação daquilo sobre o qual baseamos nossa fé. (KNIGHT, 2010, p. 170)

Em segundo lugar, deve-se tomar cuidado com o extremo de se imaginar que o ensino teológico não tem valor. Não existe espaço para esse pensamento em nenhum lugar da crença cristã. O maior exemplo de todos, Cristo Jesus, demonstrava seu apreço por estudar a Palavra de Deus e, em muitos momentos, foi através dela que Jesus conseguiu embasar a sua existência e as promessas que assim foram feitas. Os temas bíblicos mencionados acima não devem ser o centro do Ensino Religioso, contudo, eles têm o seu valor. Entender de onde você vem, para onde você vai e porque você existe são respostas contidas nas páginas sagradas e que não podem ser mais bem explicadas em outro lugar. Fé cristã sem estudo das escrituras é completamente sem sustentação. “A função intelectual do ensino religioso é de vital importância para os jovens”, diz Knight (2010, p. 176).

Uma vez que esses dois extremos são conhecidos e devem ser evitados, qualquer professor de Ensino Religioso numa escola da rede de ensino adventista deve alcançar um grande e desafiador equilíbrio. Ao passo que deve apresentar o cristianismo de maneira prática, deve também embasar todo seu ensinamento como um perito na Palavra de Deus.

2.2 PAPEL DO PROFESSOR

É muito importante, para que a missão da Educação Adventista seja cumprida, que os professores compreendam seu papel nessa tarefa tão nobre. Para isso, é preciso ter alguém como referência/modelo (que será apresentado na primeira seção deste tópico), delinear quais são as características que o professor necessita dispor, e por fim, entender a relevância do professor de ensino religioso.

2.2.1 O MAIOR MODELO

Inúmeros professores de diversas matérias deixaram seus nomes escritos nos livros da história. Alguns pelo seu poder de retórica, outros por seu vasto conhecimento científico e outros por desenvolverem bom relacionamento com os alunos. No entanto, do que se tem relatado até os dias de hoje, coloca quase que como unanimidade Jesus Cristo como o maior mestre de todos os tempos. Como está escrito no Evangelho de João: “Jamais alguém falou como este homem” (Jo 7:46).

Suarez (2013, p. 11) menciona que, ao olharmos para as características de personalidade de Jesus, temos que admitir que Ele é um padrão de absoluto equilíbrio, bom senso e profissionalismo. Como White (2013, p. 80) diz, “em cada ser humano Ele divisava infinitas possibilidades. Via os homens como poderiam ser, transfigurados por Sua graça — ‘na graça do Senhor nosso Deus’ (Salmos 90:17).”

O olhar de Cristo, assim como deve ser o de qualquer educador, era de empatia e amor, sabendo que a natureza humana sofria por causa do pecado e, por isso, se encontrava afastada de Deus. Suas ações diante dessa realidade eram curar, fazer milagres, pregar e, principalmente, educar. Isso é notável ao passo de muitos de seus seguidores lhe chamarem de Mestre e terem seus seguidores chamados de “discípulos”, que quer dizer “aluno” ou “aprendiz”.

Segundo Price (1993, p. 2015), “a principal ocupação de Jesus foi o ensino [...] ele fez do ensino o agente principal da redenção.” Era claro na mente de Cristo que a obra da redenção e educação eram apenas uma, por isso buscava, através dos seus ensinamentos, levar as pessoas a contemplarem o próprio Deus. Ele, mais do que ninguém, sabia a condição do ser humano após Adão e Eva comerem do fruto proibido, e, como consequência disso, via-se na posição de, como mestre, auxiliá-los na restauração da imagem e semelhança de Deus.

Como um bom professor, Jesus também se mostrava alguém que era perito no conhecimento das Escrituras. Ele não somente falava com maestria por causa de sua divindade, mas também por causa de seus estudos (PRICE, 1997, p. 18). Ele estudava enquanto era criança, buscando sempre conhecer mais sobre a palavra de Deus, bem como encontrava conhecimento quando frequentava a sinagoga. Seu estilo de vida era de alguém que tinha pleno desejo de desenvolver suas faculdades mentais.

2.2.2 CARACTERÍSTICAS DO PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO

O professor cristão é prestigiado por contemplar o maior exemplo de educador que o mundo já viu, Jesus Cristo. Apesar de tê-lo como modelo, eis uma grande problemática nessa função. O educador, que tem por função “treinar a mente, o corpo e o espírito do aluno” (LÓPEZ, 1997, p. 29), está inserido no mesmo contexto do educando, ou seja, ele também se encontra na necessidade de resgatar em si a imagem de Deus que foi desfigurada por conta do pecado. Tendo em vista esse cenário, o livro *Pedagogia Adventista* diz que:

Na perspectiva da educação adventista, o educador é representante de Deus como embaixador das verdades eternas, fazendo-se necessário refletir sobre sua influência no ministério de reconciliação do estudante com Deus, porque também precisa de restauração. (UNGLAUB, 2005, p. 62)

A vivência da reconciliação com Deus deve ser experimentada pelo agente Dele no processo do ensino cristão. Sendo assim, o professor, antes do aluno, deve se encher de Cristo para poder cumprir sua missão com êxito. Compactuando com esta ideia, White (2011, p. 435) comenta que “o professor que ensina a verdade só pode transmitir com eficácia aquilo que ele próprio conhece por experiência”.

Partindo da mesma premissa, ao tratar especificamente sobre o professor de Ensino Religioso,

Macedo (1996, p. 176) diz que, em primeiro lugar, o educador deve “ser um discípulo de Cristo, com o alvo de fazer discípulos, pois uma de suas metas deverá ser preparar cada aluno sob seus cuidados para ser bênção para o mundo.” Alguém que tem contato diário com Aquele que é a fonte da vida, e tem buscado estar cheio do poder de Deus, naturalmente conseguirá comunicar o exemplo de Cristo aos que estão ao seu redor. Sendo assim, como influenciador de meninos e meninas que vivem na condição de pecadores, o “papel do professor é ministerial e pastoral no sentido de que o professor é um agente de reconciliação” (KNIGHT, 2015, p. 179).

Observando brevemente apenas estas informações, pode-se notar que um professor de Ensino Religioso, especificamente nas escolas e colégios da rede adventista, ocupa uma função muito nobre e de enorme responsabilidade (GROSS, 1997, p. 37-40). As informações vistas correspondem apenas a uma parte do que se espera do docente, não do todo. Eis então um grande desafio: encontrar pessoas disponíveis com tais características. Não basta apenas ser um adventista, mas um genuíno cristão, com capacidades mentais, sociais e físicas que o permitam servir à instituição de maneira íntegra. Falando de vocação, White (2007, p. 431) menciona em um de seus escritos que “os que tiverem mais vocação para o ministério deviam ser empregados para dirigir o ensino da Bíblia em nossas escolas.” Ela ainda enfatiza que as pessoas escolhidas para essa missão precisam ser “acurados estudantes da Bíblia; homens que tenham profunda experiência cristã.”

Perceptivelmente, os atributos que envolvem a vida espiritual e a vivência cristã são prioridades da educação adventista. Contudo, Tasker (2019) agrega dizendo que os “professores adventistas treinados em programas que colocam ênfase holística nos aspectos espirituais, mentais, sociais e físicos da escola impactarão para a eternidade a vida dos que estão em sua esfera de influência.” Buscar a Deus e ter contato com Ele é um pilar que, junto com outros, sustenta toda a estrutura. Isso é justificado da seguinte maneira:

Espiritualmente, os professores estarão conectados com Deus todos os dias; mentalmente, eles se verão aprendizes ao longo da vida buscando crescimento e desenvolvimento profissional; e, socialmente, eles serão aprimoradores de relacionamento, modelando boas habilidades interpessoais à medida que interagem com as famílias, alunos e colegas. Fisicamente, “quanto melhor a saúde, melhor será o trabalho realizado” (TASKER, 2019)

Uma área depende da outra, por isso a necessidade de buscar um aperfeiçoamento em cada uma dessas vertentes. Suarez (2004, p. 23, 24) abre um leque de características voltadas para cada área. Tratando-se de desenvolvimento mental, ele chega a mencionar que o professor deve ser um permanente aprendiz, alguém que busca constantemente conhecimento. Mas não apenas isso, deve ser alguém preciso naquilo que apresenta e diz, demonstrando ser um perito na sua área de ensino e, conseqüentemente, levando o aluno a confiar cada vez mais em suas palavras. Segundo o autor, é importante que o educador seja alguém com capacidade de concentração (pois seu tempo normalmente é escasso), imaginação construtiva (para oferecer sempre novidade aos seus alunos) e

que tenha a mente aberta para que possa ouvir as opiniões e sugestões dos seus colegas de trabalho e alunos (GROSS, 1997, p. 43-47).

Suarez (2004, p. 25) também apresenta uma série de características sociais que se esperam do professor cristão. É necessário ser alguém amigável, de fácil relacionamento e acessível. Deve ser um líder que demonstre capacidade de influenciar outras pessoas, especialmente para o bem. Importante demonstrar e ser sincero nos seus relacionamentos e verdadeiro para viver aquilo que ensina, bem como deve tratar o adolescente com o respeito que lhe é exigido, com tolerância e altruísmo.

O professor deve buscar criar uma conexão com seus alunos, e isso pode ser desafiador com aqueles que são adolescentes. Para que tal objetivo seja alcançado, algumas características são esperadas do docente no concernente à área física. Em suma, Suarez (2004, p. 23) apresenta dois principais cuidados que se deve ter. O primeiro tem a ver com a forma como você se apresenta, ou seja, estética, e o segundo tem a ver com a forma como você se cuida, ou seja, saúde. A estética tem o seu valor porque a forma como alguém se apresenta pode chamar a atenção de quem o vê, principalmente nos primeiros contatos. Sendo assim, um professor elegante pode ter uma abertura mais rápida por parte de seus alunos adolescentes. Da mesma maneira, o cuidado com a saúde é algo que pode fazer toda a diferença. O mesmo autor menciona que um professor com resistência física pode participar das brincadeiras e dinâmicas que seus alunos, em algum momento, o convidarão. Esses momentos são oportunidades de estabelecer vínculos, e por falta de cuidado físico, podem ser oportunidades perdidas. Além disso, um cristão deve prezar por viver bem e estar doente o mínimo possível. Sendo assim, o exemplo da turma, o professor, também deve buscar ser um exemplo nessa área.

2.2.3 O PROFESSOR DE ENSINO RELIGIOSO E ESTRATÉGIAS DE AULA

As virtudes esperadas do professor de Ensino Religioso da Educação Adventista são diferenciais e marcas que devem ser notáveis aos alunos e pais. Cada uma dessas características funciona como um elo de uma corrente; sozinho, não conseguirá cumprir o objetivo final pelo qual foi criado. Além de forte desempenho mental, físico, social e espiritual, faz-se necessário o uso de boas estratégias na sala de aula.

Aqui não é possível enumerar todas as dezenas de métodos e estratégias para que a aula de Ensino Religioso seja mais atrativa e bem aproveitada pelo professor e aluno. Debates, apresentações, dramatizações, estudos de caso são boas opções para representar isso, mas existem algumas estratégias simples e relevantes às quais os professores devem se atentar para que, em praticamente todas as aulas, sejam utilizadas.

Taylor (2018) ao falar sobre estratégias, relembra que nas salas de aula o mestre deve se atentar em falar, não apenas ler. Quase que unanimemente os educadores buscam materiais

preparados por terceiros para embasar sua aula. Contudo, o professor discipulador tem que ir além de repetir palavras de outro. Ele deve falar com suas próprias palavras, da forma mais pessoal possível. Explanando sobre isso, Morrison (1995, p. 9) diz: “Há, nas classes de apresentações de preceitos cristãos, o perigo real de que ‘fatos frios’ tomem o lugar das ‘palavras de vida’.” Esse perigo é real, por isso a necessidade de que as aulas dadas sejam frutos de um coração preenchido pelo conteúdo que será transmitido. Uma vez que o conteúdo preenche o coração do discipulador, maiores são as possibilidades de alcançar o coração do discipulando.

Uma maneira de fazer com que a atenção do estudante seja voltada para um determinado tema é fazendo perguntas. Sobre isso, Taylor (2018) aconselha a fazer perguntas intrigantes. Eis uma especificação importante, pois perguntas nem sempre chamam a atenção, por isso a necessidade de que as questões colocadas sejam intrigantes, levando o aluno à reflexão e ao exercício mental. Essas questões abrirão uma oportunidade para que o aluno compartilhe suas ideias. Inclusive, ouvir com atenção os alunos é um dos mecanismos citados pelo autor para que o professor tenha êxito com sua classe, pois ao ouvi-los, melhor os conhecerá. Tanto quanto um bom falante, há necessidade de ser um excelente ouvinte.

Dentre muitas outras formas de tornar as aulas de Ensino Religioso mais proveitosas, Taylor (2018) sugere a promoção de atividades de extensão. Este pode ser um método bem aproveitado para que os alunos possam colocar em prática aquilo que estão aprendendo de maneira teórica. O processo de discipulado ocorre de maneira mais precisa quando os estudos começam a ter uma relevância no dia a dia. Então, ao realizar as atividades aprendidas em sala, dentro do contexto social em que vive, o estudante vivenciará novas experiências, além de ter mais oportunidades de aprender com o professor em um local que não seja a sala de aula. Cabe neste momento solicitar a realização de projetos sociais, mas também atividades mais simples, como, por exemplo, fazer alguém feliz, seguindo o exemplo de Cristo, conforme foi ensinado na sala.

3. ENSINO RELIGIOSO COMO DISCIPULADO

Levando em consideração que o tema de discipulado está sendo tratado no contexto do ensino religioso em escolas adventistas, eis uma pergunta: o que é um discípulo? Adsit (1988, p. 35) diz que “um discípulo é uma pessoa em processo, a qual está desejosa de aprender a aplicar as verdades que Jesus Cristo lhe ensina, as quais resultarão num contínuo comprometimento com um estilo de vida semelhante a Jesus.” Na mesma linha de pensamento, Wilkins (1991, p. 123) diz que “é se tornar como Jesus à medida que andamos com Ele no mundo real.” Observe que ambas as definições apresentam três pontos fundamentais para que alguém seja considerado um discípulo. O discípulo tem um modelo, passa por um processo e deve vivenciar mudanças práticas.

Dessa maneira, nas aulas de ensino religioso, o mestre deve compreender que o modelo maior

é Cristo Jesus. Todo trabalho empreendido tem como foco levar os alunos a experimentar viver como Jesus viveu. Mas isso não ocorre num piscar de olhos; conforme os autores mencionados, existe um processo, uma caminhada. Alguém no processo de discipulado vai se tornando cada vez mais parecido com o mestre à medida que vai tendo contato com ele. Este contato contínuo resultará em mudanças práticas, um novo estilo de vida. Isso envolve uma mudança radical, transformadora.

Em diálogo com um pastor adventista, a professora Beagles expôs o que é discipulado:

Para mim, discipulado é levar alguém pela mão e compartilhar a minha caminhada com Jesus. Isso implica que eu já tenha uma caminhada pessoal, porque isso requer que eu esteja muito consciente acerca do processo restaurador de Deus em minha própria experiência. Essa é a única maneira de eu ser um instrumento realmente eficaz que o Espírito Santo usa na aproximação de outra pessoa. (BEAGLES, 2013, p. 4-5)

No contexto escolar, ninguém é melhor para levar o aluno pela mão e compartilhar com ele a caminhada com Jesus do que o professor de Ensino Religioso. O próprio Cristo foi um exemplo de discipulador, ensinando aos que estavam ao seu redor como depender completamente de Deus.

Portanto, o professor não deve ser imediatista. Macedo (1996, p. 177) diz que a Palavra de Deus é uma semente, e que toda semente germina. E assim como a vida da planta está na semente, a Palavra de Deus tem vida. Ele continua dizendo que cada semente produz o fruto segundo sua espécie e no seu tempo determinado. “O Ensino Religioso deve ser transmitido sob condições adequadas para que se desenvolva na própria vida do aluno o caráter à semelhança do caráter de Deus” (MACEDO, 1996, p. 178).

Há tempo para todas as coisas. Qualquer processo que envolva aprendizado tende a ser um pouco demorado e necessita de cautela. Se este é concernente à salvação, requer ainda mais paciência e energias empreendidas. Segundo Morrison (1995, p. 11), deve haver um esforço especial do professor para que a “classe de religião seja centralizada no aluno.”

O objetivo das aulas de Ensino Religioso será perfeitamente cumprido se o aluno for amplamente dominado pela influência do conteúdo, que, nesse caso, culmina na vida de Cristo. Os princípios cristãos se tornarão parte da vida do aluno a ponto deste não se contentar em guardar para si tudo que aprendeu, mas tornar-se-á um discípulo discipulador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolver do trabalho, percebeu-se que para entender a importância do Ensino Religioso para o discipulado do adolescente, era necessário primeiro compreender todo o contexto humano na perspectiva bíblica, bem como as condições biológicas, sociais e psicológicas que normalmente envolvem essa faixa etária.

Buscar restaurar a imagem de Deus em suas criaturas é o principal objetivo dos colégios adventistas. Afinal, para a instituição, o trabalho de educação é um trabalho de formação e transformação. A compreensão da realidade da adolescência mostrou que o desafio de alcançar esse objetivo é ainda maior, pois neste estágio – que é visto como um período de transição da fase infantil para a fase adulta os adolescentes passam por mudanças comportamentais bruscas.

Uma vez que este estágio é marcado pela busca de uma identidade, o adolescente torna-se mais questionador e mais preocupado com a forma como o grupo ao redor o vê. Nesse contexto, um dos fenômenos comuns é a rejeição dos valores que seus pais lhe passaram, que na avaliação do adolescente não têm sentido. Ao passo que muitos criticam os adolescentes nesse período, eis uma oportunidade para que os colégios adventistas atuem em auxílio na busca de identidade.

Reconheceu-se que o fator crucial para que o Ensino Religioso consiga alcançar seu objetivo é a atuação dos educadores. Os métodos e estratégias têm um grande valor, contudo nada se compara a um professor genuinamente cristão, com boa saúde e modéstia, intelectualmente capacitado e socialmente confiável.

Jesus Cristo foi o maior exemplo de discipulador. Milhares de pessoas que tiveram contato com Ele foram impactadas por Seus ensinamentos e seguiram Seus passos. Embora possuísse capacidades intelectuais brilhantes, pode-se atribuir à Sua conexão com o Pai o tamanho poder de discipular pessoas. Da mesma forma, é vital que ocorra o mesmo com os professores de Ensino Religioso dentro dos colégios adventistas. Eles devem ter uma conexão profunda com o Senhor para que possam, em suas aulas, conselhos, conversas e atividades, demonstrar um caráter transformado pelo poder de Deus. Sendo eles discípulos com a função de discipuladores, os adolescentes que tanto buscam uma identidade poderão experimentar em suas vidas as digitais de um Deus que os criou e quer restaurar a imagem original que foi perdida por conta do pecado, além de inúmeros benefícios sociais, emocionais, físicos e intelectuais.

REFERÊNCIAS

ADSIT, Christopher B. **Personal Disciple Making: A Step-by-Step Guide for Leading a Christian From New Birth to Maturity**. San Bernardino: Here's Life Publishers, 1988.

AGUILAR, Ruben. O jardineiro fiel. **Revista Adventista**. Tatuí, Ano 109, No 1278, p. 14, nov. 2014. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 26 maio 2022.

BARNA, George. **Transformando crianças em vencedores espirituais**. Tradução: Cartia Pietro. Barueri: Ágape, 2013.

BEAGLES, Kathleen. Construindo pontes: um diálogo entre uma professora e um pastor sobre o discipulado. **Revista de Educação Adventista**. Engenheiro Coelho, n. 34, p. 4-5, 2013. Disponível em: <http://circle.adventist.org/files/jae/po/jae2013po340404.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. Tradução: Cristina Monteiro. 12. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CAIRUS, Aecio. A Doutrina do Homem. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. Cap. 6, p. 231-261.

CARNEIRO, Moaci. **Os Projetos Juvenis na Escola de Ensino Médio**. Brasília: Interdisciplinar, 2001.

COMENTÁRIO BÍBLICO ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA: A Bíblia sagrada com o comentário exegético e expositivo. 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. (Logos, v. 1).

CRUZ, Héber. **Evangelismo Juvenil e educação missionária em Clube de Desbravadores**. Parauapebas: 2015.

EBLING, José Carlos. Quem é o maior. **Revista Adventista**. Santo André, Ano 1974, No 11, p. 10, nov. 1979. Disponível em <https://acervo.cpb.com.br/ra>. Acesso em: 25 maio 2022.

GALLAAHUE, David; OZMUN, John. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GROSS, Renato. Perfil do Professor Adventista. In: _____ (org). **Cristo nas Salas de Aula**: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. 1. ed. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 1997. Cap. 4, p. 37-47. v. 1.

HARE, B. Eric. **Ensinando os juvenis**. Tradução: Carlos Alberto Trezza. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1972.

KNIGHT, George R. **Educando para a eternidade**: uma filosofia adventista de educação. Tradução: Hander Heim. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

_____. **Filosofia e educação**: uma introdução da perspectiva cristã. 5. ed. Engenheiro Coelho: UNASPRESS, 2015.

_____. **Mitos na Educação Adventista**: um estudo interpretativo da educação nos escritos de Ellen White. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010.

LÓPEZ, Manuel W. Desafios à Educação Redentora. **Revista Educação Adventista**. Engenheiro Coelho, n. 6, 1997. Disponível em: <http://circle.adventist.org/files/jae/po/jae1997po062902.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

MACEDO, Ivanilde. Professor de ensino religioso como agente integrador no processo fé e ensino. **Cristo nas salas de aula**: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. São Paulo: IAE, 1997.

MARTINS, Michelle. Regras para ensino religioso em escolas públicas podem mudar a partir de julho. **Notícias Adventistas**, São Paulo, 17 jun. 2015. Disponível em: <https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/liberdade-religiosa/justica-brasileira-discute-ensino-religioso-em-escolas-publicas-3>. Acesso em: 02 jun. 2022.

- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- MORRISON, Patrick B. A Classe de Religião: Comunicadora de Vida ou Letárgica? **Revista Educação Adventista.** Engenheiro Coelho, n. 3, 1995. Disponível em: <http://circle.adventist.org/files/jae/po/jae1995po030904.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022. p. 11.
- PARROTT, Les. **Adolescentes em conflito: os 36 problemas mais comuns na adolescência, um guia prático para pais e educadores.** Tradução: Denise Avalone. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- PELT, Nancy Van. **Como formar filhos vencedores.** Tradução: Sueli N. F. Oliveira. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência.** Tradução: Waldemar W. Wey. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1993.
- RIVAS, Selena Castelão (coord.). **Pedagogia Adventista.** 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- ROMANOWSKI, J. P. **Formação e profissionalização docente.** 2. ed. Curitiba: Ibopec, 2006.
- STANDISH, Collin D; ARAUJO, Gerson P. **Uma visão adventista da educação.** 3. ed. Engenheiro Coelho: Centro Adventista de Artes Grafica, 2007.
- SUÁREZ, Adolfo S. **Ensino que transforma: princípios para o magistério de sucesso.** 1. ed. Artur Nogueira: Paradigma, 2013.
- _____. **Sou professor. E agora?:** sugestões para a pratica de um magistério cristão eficaz. 2. ed. Engenheiro Coelho: Gráfica Lagoa Bonita, 2004.
- TASKER, Carol. Professores: as pessoas que fazem a diferença na educação adventista. **Revista Educação Adventista.** n. 81, jul./set. 2019. Disponível em: <https://jae.adventist.org/pt/2019.81.3.1>. Acesso em: 25 out. 2022.
- TAYLOR V, John. Dando aulas de Bíblia. **Revista Educação Adventista,** n. 45, jan/mar. 2018. Disponível em: <https://jae.adventist.org/pt/2018.3.7>. Acesso em: 25 out. 2022.
- TRUEBLOOD, Elton. **Philosophy of religion.** New York: Harper & Row, 1957.
- UNGLAUB, Eliel. **A prática da pedagogia adventista em sala de aula: tornando a teoria uma realidade eficaz no ambiente escolar.** Engenheiro Coelho: Editora Paradigma, 2005.
- WACHS, Manfredo *et al.* **Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.
- WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver.** Tradução: Carlos Alberto Trezza. 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. **Conselhos a pais, professores e estudantes.** Tradução: Isolina A. Waldvogel. 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- _____. **Educação.** Tradução: Flavio Lopes Monteiro. 9. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

_____. **Testemunhos para a igreja.** Tradução: Cesar Luis Pagani. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006. v. 4.

WILKINS, Michael J. **Following the master:** a biblical theology of discipleship. Grand Rapids: Zondervan, 1991.